

Quadro da Geografia da França*

PAUL VIDAL DE LA BLACHE

Introdução

A história de um povo é inseparável da área¹ que ele habita. Não se pode representar o povo grego em outro lugar a não ser em torno dos mares helênicos, o inglês a não ser em sua ilha, o americano a não ser nos vastos espaços dos Estados Unidos. Como isto se verifica para o povo cuja história se incorporou ao solo da França, é isto que procuramos explicar nestas páginas.

As relações entre o solo e o homem, na França, são marcas de um caráter original de antigüidade, de continuidade. Muito cedo os estabelecimentos humanos parecem ter adquirido ali a fixidez; o homem ali se deteve porque encontrou, juntamente com os meios de subsistência, os materiais de suas construções e de suas indústrias. Deste modo, durante longos séculos ele levou uma vida local, que se impregnou lentamente dos sumos da terra. Uma adaptação que se operou graças aos hábitos transmitidos e mantidos sobre os lugares em que eles haviam nascido. Há um fato que com freqüência se observa em nosso país, o de que os habitantes se sucederam desde tempos imemoriais nos mesmos lugares. Os níveis dos mananciais, as rochas calcáreas propícias à construção e à defesa, constituíram desde o início ninhos de atração e que depois poucas vezes foram abandonados. Vemos, em Loche, o castelo de Valois elevar-se sobre as subestruturas romanas, as quais vencem a rocha perfurada por grutas, que poderiam ter sido habitações primitivas.

* Original: *Tableau de la Géographie de la France*, Paris, La Table Ronde, 1994. Tradução de Rogério Haesbaert

¹ N. T.: La Blache utiliza inúmeras vezes o termo “contrée”, ora com o sentido genérico de área, ora como zona administrativa, ora como região, tal como freqüentemente utilizamos. Optamos algumas vezes por traduzir “contrée” como “região”, mesmo sabendo da generalização que isto implica.

O homem entre nós foi por muito tempo o discípulo fiel do solo. O estudo deste solo contribuirá então para nos esclarecer sobre o caráter, o vestuário e as tendências dos habitantes. Para alcançar resultados precisos, este estudo deve ser raciocinado, isto é, ele deve relacionar o aspecto que apresenta o solo atual com sua composição e com seu passado geológico. Não tenhamos assim contrariar a impressão que exalam as linhas da paisagem, as formas do relevo, o contorno dos horizontes, o aspecto exterior das coisas. Bem ao contrário. A inteligência das causas permite melhor apreciar a ordem e a harmonia².

Procurei fazer reviver, na parte descritiva deste trabalho, uma fisionomia que se manifestou para mim de forma variada, amável, acolhedora. Eu queria ter conseguido fixar algo das impressões que experimentei ao percorrer em todos os sentidos esta região profundamente humanizada, mas não degenerada pelas obras da civilização. O espírito aí é chamado à reflexão, mas é pelo espetáculo ora risonho, ora impositivo desses campos, desses montes e desses mares que ele é levado sem cessar à uma espécie de fonte das causas.

Primeira Parte: Personalidade geográfica da França

Em que sentido a França é um ser geográfico

Parece quase paradoxal colocar a seguinte questão: a França é um ser geográfico? Este nome traz aos nossos olhos uma forma concreta; ele se encarna numa figura à qual os mapas nos habituaram tanto que dificilmente iríamos conceber as partes agrupadas segundo afinidades diferentes. Seríamos levados de bom grado a considerá-la como uma unidade feita de antemão; muitos diriam, como um quadro dado pela natureza à história.

Trata-se contudo da primeira questão que seria útil explicar se quisermos compreender quais foram, neste país, as relações da natureza e do homem. A resposta não é tão simples quanto inicialmente se acreditaria. Não é do ponto de vista geológico que a França possui o que se pode chamar uma individualidade. Pode-se falar em harmonia entre suas diversas partes, mas seria contrário aos resultados menos contestáveis da ciência acreditar que um só e mesmo plano presidiu a sua estrutura.

O que nós dizemos da geologia pode se repetir para o clima, a flora e a fauna sobre este território que nós denominamos França. Na variedade de seus climas

² N.T.: La Blache mostra bem, neste parágrafo, a complexidade de seu método, ao mesmo tempo com evidências de um certo determinismo ambiental (mais evidentes na Conclusão) e uma mistura de racionalismo (“estudo refletido”, “inteligências das causas”) e empirismo (vide expressões como “fisionomia (...) variada, amável, acolhedora” e alusão à uma “experiência dos sentidos”, no próximo parágrafo).

distinguem-se vários tipos subdivididos, que não lhe são particulares. Ocorre o mesmo com suas espécies de plantas, de animais, e com suas populações humanas. Elas se reúnem pelas suas afinidades, umas à bacia mediterrânica, outras à Europa Central. Nada confirma a idéia de um núcleo central de repartição situado no interior da França, de onde elas teriam se irradiado para o resto do território.

Contudo, nós repetimos com freqüência esta afirmação de Michelet: “A França é um personagem”. Nós vemos como um testemunho significativo e verdadeiro as palavras freqüentemente citadas, segundo as quais, há cerca de vinte séculos, Estrabão caracterizava em resumo o conjunto desta região³. De que natureza então é esta personalidade e como devemos entendê-la?

Questão de geografia humana

Uma individualidade geográfica não resulta de simples considerações de geologia e de clima. Não é algo dado de antemão pela natureza. É preciso partir da idéia de que uma área (“contrée”) é um reservatório onde dormem energias das quais a natureza depositou o germe, mas cujo emprego depende do homem. É ele que, ao submetê-la ao seu uso, ilumina sua individualidade. Ele estabelece uma conexão entre traços esparsos; os efeitos incoerentes de circunstâncias locais, ele substitui por um concurso sistemático de forças. É então que uma área adquire precisão e se diferencia, tornando-se em sentido amplo como uma medalha esculpida pela efígie de um povo.

Esta palavra, personalidade, pertence ao domínio e ao vocabulário da geografia humana. Ela corresponde a um grau de desenvolvimento já avançado de relações gerais.

Este nível foi atingido cedo pela França. Nosso país saiu mais cedo do que outros deste estado vago e rudimentar em que as aptidões e os recursos geográficos de uma região permanecem em estado latente, onde nada ainda se destaca daquilo que revela uma personalidade viva. Ela é um destes países que há mais tempo adquiriu sua fisionomia. No momento em que, na parte continental da Europa, as grandes regiões do futuro, Cítia, Germânia, apareciam apenas numa penumbra indistinta, já se podiam discernir os contornos daquela que iria ser chamada de França.

Pareceu-nos que, antes de abordar uma descrição detalhada, o exame desse fato era digno de atenção. Como um fragmento da superfície terrestre que não é nem

³ Palavras citadas e discutidas mais adiante no texto. N.T.: La Blache se refere à afirmação de Estrabão segundo a qual a área da atual França dispunha de excelentes condições para o desenvolvimento comercial (especialmente na área de Marselha), a partir da “correspondência que se manifesta sob a relação dos rios [especialmente o Ródano] e do mar, do mar interior [o Mediterrâneo] e o Oceano”.

península nem ilha, e que a geografia física não saberia considerar propriamente como um conjunto, elevou-se ao estado de zona política e tornou-se enfim uma pátria? Eis a questão que se coloca no limiar deste trabalho.

(...)

Conclusão: A centralização e a vida de outrora⁴

Não deveríamos ter dúvida, no final deste trabalho, sobre todas as conclusões históricas que ele pode sugerir. O quadro geográfico não deve se sobrepor à introdução histórica, nem sobre toda a obra da qual ele é o prefácio.

(...)

Nem o solo nem o clima mudaram: porque, entretanto, este quadro parece ultrapassado? Porque ele não responde mais à realidade presente? Nós somos levados assim ao limiar de uma questão que não queremos nem devemos abordar aqui. Digamos somente que não há nada no que está surgindo que não esteja de acordo com os fatos que já tivemos a oportunidade de reconhecer. Uma área - a França menos que qualquer outra - não vive somente de sua vida própria; ela participa de uma vida mais geral que a penetra; e a introdução destas relações gerais só pode aumentar com a própria civilização. Quando se produzem grandes revoluções econômicas, como aquelas que as descobertas do século XIX levaram aos meios de transporte, quais os habitantes do globo que poderiam estar satisfeitos por escapar às suas conseqüências? Elas atingem tanto a choça do camponês quanto a mansarda do operário. Elas repercutem nos salários, na venda de produtos agrícolas, na duração do trabalho rural. Tais transformações são de natureza capaz de provocar conseqüências que o espírito humano dificilmente pode medir.

Nós acreditamos firmemente que nosso país tem como reserva recursos suficientes para que novas forças entrem em jogo e lhe permitam fazer seu jogo sobre o tabuleiro de xadrez indefinidamente ampliado, dentro de uma concorrência cada vez mais numerosa. Pensamos também que as grandes mudanças de que somos

⁴ N.T.: Nestes últimos parágrafos de seu livro La Blache encerra, como afirmou Nigel Thrift, seu “hino à França dos camponeses”. Apesar de não ignorar a amplitude das “revoluções econômicas” do século XIX e seus reflexos profundos sobre a França, ele considera que não deve se envolver com estas questões e que uma “solidez francesa” continuará mantendo a essência do “temperamento nacional” pautado numa “robusta constituição rural” construída a partir de um clima e um solo, este considerado em páginas anteriores “também um personagem” que “regula as oscilações de nossa história”. Por fim, triunfa a “solidez”, o “fixo” e o “permanente” que constituem o “fundo das coisas”. Será preciso esperar outros trabalhos para que apareçam mais destacados os espaços urbanos e a dinâmica político-econômica (especialmente “La France de l’Est”).

testemunhas não alcançarão profundamente o que há de essencial em nosso temperamento nacional. A robusta constituição rural que o clima e o solo dão ao nosso país é um fato cimentado pela natureza e pelo tempo. Ele se exprime por um número de proprietários não igualado em parte alguma. Nisso reside, sobre isto se apóia uma solidez que talvez não se encontre em nenhum país no mesmo grau que no nosso, uma solidez francesa. Entre os povos de civilização industrial que nos são vizinhos, vemos hoje os habitantes retirarem cada vez mais sua subsistência do exterior; a terra, entre nós, permanece a nutridora de seus filhos. Isto cria uma diferença no apego que ela inspira.

Revoluções econômicas como aquelas que se desdobram nos nossos dias imprimem uma agitação extraordinária à alma humana; elas põem em movimento uma multidão de desejos, de ambições novas; elas inspiram em alguns lamentações, em outros, quimeras. Mas este dilema não deve nos subtrair o fundo das coisas. Quando uma rajada de vento agita violentamente uma superfície de água muito clara, tudo vacila e se mescla; mas, em um determinado momento, a imagem do fundo se desenha outra vez. O estudo atento daquilo que é fixo e permanente nas condições geográficas da França deve ser ou deve tornar-se mais do que nunca o nosso guia.